

## RESENHA

Bookreview

# O ENIGMA DO CAPITAL: E AS CRISES DO CAPITALISMO.<sup>1</sup>

*Pedro Henrique Carvalho*<sup>2</sup>

Há poucos meses O Banco Central Europeu direcionou um aporte de 530 bilhões de Euros para bancos privados. Somam-se a este aporte as reformas dacrônicas aplicadas com o fim de salvar o capitalismo das amarras que o próprio sistema e seus operadores têm “manufaturado”. É, logo, nesse conluio de fatos que David Harvey aborda a atual crise financeira, como também a necessidade de encontrarmos novas formas sociais, políticas e produtivas defronte os limites e danos do Sistema Capitalista. Nesta linha, *O Enigma do Capital* fomenta a possibilidade de mudanças a partir da compreensão sobre as “esferas coevolutivas” da sociedade<sup>3</sup>. Nesse ínterim, para Harvey “o capital é o sangue que corre através do corpo político de todas as sociedades que chamamos de capitalistas, espalhando-se, às vezes como um filete e outras vezes como uma inundação, em cada canto e recanto do mundo habitado” (2011, p.7). Compõe-se assim a ordem social e produtiva atual, tendo como sulco elementar e fundamental a circulação desigual do capital. Face a incidência das crises o autor debruça sobre as operações do mercado através de Wall Street, a apresentar as normas pelas quais o

---

<sup>1</sup> HARVEY, David. *O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo Editorial. 2011. ISBN: 978-85-7559-184-0

<sup>2</sup> Mestrando Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: pe1986@mail.com

<sup>3</sup> Tais esferas estruturariam as relações humanas, ou melhor, aquilo que Marx, Lênin, Gramsci e tantos outros autores apontaram como modo social de produção.

Sistema Capitalista tem se engehado. Aponta que as condições “derivativas” do presente concernem à década de 1970 e a (re)construção de um novo bloco hegemônico sedimentado no poder financeiro.

*O enigma* traz questões variadas que poderiam ser alinhadas como: a estrutura do capitalismo, leituras geográficas e culturais, além de uma “historicização absoluta” das ideias construídas por Marx. Quanto à Marx, Harvey conserva e avança sobre suas ideias destacando que a acumulação primitiva de capital não findara com a revolução industrial. Agora, opera-se em uma nova ordem através da produção transnacional e financeira sobre novos espaços pela acumulação perpétua do capital. O autor lida com as explosões “fictícias” geradas pelas trocas de papéis e crenças futuras pela contínua acumulação de capital. Afirma que “o mercado de futuros abarcou tudo desde o comércio de direitos de poluição até apostas sobre o tempo” (2011, p.26). Como resultado deste manuseio do futuro dá-se a cifra de 600 trilhões de dólares em 2008. Diante de tamanho montante virtual uma questão é afluada: como reinvestir este valor frente a constante necessidade de acúmulo do capital? A bizarraria das finanças, que desde Smith recebe olhares duvidosos quanto ao seu equilíbrio, após 1970 alimentou a acumulação composta de capital com as sombras do excesso de liquidez. Todavia, o sistema precisaria operar em uma lógica equilibrada de crescimento, e como exemplo Harvey destaca sua cidade natal, Kent, localizada no sudeste da Inglaterra. Durante a Revolução Industrial Kent crescera sob a regra dos 3% e com realocações completas do mesmo. Nesta linha, Harvey sugere o mesmo em termos mundiais, para que 600 trilhões de dólares sejam reinvestidos materialmente na velocidade exigida frente à exigência acumulativa do capital. Impossível! Nesta linha, a atual crise reforça a ideia de que existem limites para o crescimento de 3% do capitalismo. Todavia, o entreposto financeiro internacional ostentara a credence do mundo livre (para o capital), a planificar espaços para o reinvestimento e, assim, a acumulação infinita do capital não findaria. Apesar do otimismo, a cada crise pensa-se que aqui jaz um sistema. Todavia, “como o capital sobrevive e por que é tão propenso a crises?”.

Harvey compreende o espaço físico como cerne para a criação e o deslocamento das crises. O capital exige uma regra: obstáculos para acumulação do

capital devem ser ultrapassados e aqui o espaço é destruído por meio do tempo, como Marx apontara nos Grundrisse. Afirma que, desde a Paris Napoleônica a urbanização tem sido, além dos conflitos, uma importante saída para o excesso de liquidez do capital. Estas linhas alimentam a ideia sobre a destruição criativa do espaço, a qual se aloca no cerne da acumulação de capital a taxas compostas. Todavia, alude-se que os movimentos do capital aquecem contramovimentos na sociedade; e a destruição criativa para a acumulação por “desposseção” afetaria o espaço físico e a disposição social<sup>4</sup>. Logo, embates sociais têm emergido com o avanço do credo do capital sem barreiras. Nestes termos, o “Estado-Finança” atuaria como ator coercitivo e consensual, função apontada por Gramsci como condição fundamental para que a hegemonia perpetue assegurando suas bases e apondo os subalternos com concessões basilares perpetuando a exploração.

Defronte a necessidade de mudança, Harvey cita o igualitarismo radical no meio social como frente ao modo prevaente. O autor fecha sua obra afirmando que precisamos mudar nossas ideias para compreender o mundo, haja vista que “as ideias têm consequências e as ideias falsas podem ter consequências devastadoras” (2011, p.192). Em suma, cabe ao leitor o juízo do composto da obra, tanto em seus elementos ontológicos quanto metodológicos. Uma possibilidade é observar que *O Enigma do Capital* abarca uma leitura estrutural do Sistema Capitalista e suas novas propensões às crises defronte ao modo de acumulação, ou social de produção. Todavia, Harvey subjulga o sujeito, ou o papel do sujeito dentro dessa estrutura contraditória do capital. Nesse ensejo, a dimensão do papel das ideias é restrita àquilo dito como concepções de mundo composta em uma relação parelha com outras esferas coevolutivas da sociedade. Compreende-se que o papel das ideias é relevante para que um determinado “discurso” prevaleça, e o *Enigma do Capital* pode ser lido não como uma falha nesse juízo, mas como uma contribuição teórica marxiana que enriquece a leitura crítica sobre as contradições do capital; e, ainda, antepara a necessidade de mudança a qual alimenta o

---

<sup>4</sup> Harvey elucida que a acumulação sem fim de capital rogaria pela constante oferta de espaço e mão de obra à custa do suor e da fome. Cabe lembrar desses pontos como problematizado por Karl Polanyi há 70 anos.

leitor acerca da construção de ideias em favor de um determinado modelo social de produção capitalista. Todavia, aquecem-se questões sobre a reprodução e permanência do presente ideário no Sistema Internacional. Nessa perspectiva, Harvey contribui com uma obra estrutural aberta que adentra novos esforços para compreender tanto uma ordem sistêmica quanto toda a disposição social vinculada, além de instigar o leitor sobre as possibilidades de mudança nos dispostos políticos, econômicos e sociais em caráter internacional.

## REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: volume 1: Introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo Editorial. 2011. ISBN: 978-85-7559-184-0

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2000.

*Resenha recebida dia 13 de junho de 2012. Aprovada em 01 de outubro de 2012.*